

A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E SEU REFLEXO NAS PRÁTICAS ESCOLARES E NA EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Tamara Cardoso Bastos Santos

Formação no Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Norte do Paraná - UNOPAR. E-mail:
tamaracardoso8@gmail.com

Resumo:

O trabalho aborda sobre a construção das masculinidades e tem como objetivo estudar como a masculinidade hegemônica se configura no âmbito escolar, especialmente, dentro das aulas de Educação Física. Este estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica de acordo com Connell (1990), Bourdieu (2002), Kimmel (1988) entre outros. É preciso que a inclusão da temática de gênero inicie nas academias, durante a formação profissional em educação, para que se debata sobre masculinidades e a partir então, se reconheça a pluralidade e as práticas das masculinidades dentro das experiências escolares, as hierarquizações e, a partir de então, podendo-se dirimir preconceitos e violência.

Palavras-chave: Masculinidades, educação, Educação Física.

Introdução

No Brasil os núcleos de estudos feministas na década de 80 se concentram nas universidades, e começam a pensar sobre as noções relacionais de gênero que tenham como objetivo principal polemizar as desigualdades entre homens e mulheres sobre a ótica do poder nas relações. Após o início destes estudos, surgem os primeiros trabalhos da época sobre masculinidades.

No cenário de estudos sobre masculinidades se destacam: Connell (1990), Bourdieu (2002), Kimmel (1988) entre outros.

Bourdieu (2002) traz o pensamento de que o mundo social produz o corpo através do trabalho. No decorrer desse processo as diferenças construídas socialmente acabam sendo consideradas naturais e registradas no biológico e fundamentadas numa relação de dominação.

Pode-se considerar que os corpos se constituem a partir de uma organização social, cultural, cisnormativa, e também por estruturas sociais. Connell (1990) postula que isso tudo está vinculado ao social e ao biológico, ou seja, um jeito natural de ser feminino, ou um jeito de ser masculino, com condutas e movimentos corporais diferentes para cada sexo.

Gênero é passível de entendimento como uma construção social que se fundamenta nas diferenças biológicas entre os sexos, assim como a masculinidade e a feminilidades. Este processo sociocultural inicia-se com a educação recebida na infância e continua ao longo da vida. É necessário ressaltar que a escola pode vir a ser uma importante ferramenta propagadora deste modelo.

Os ambientes escolares reproduzem princípios, valores e ideologias da sociedade e as práticas¹ de uma masculinidade, heterossexual, branca e cristã que hierarquizam as práxis sexuais. Diante disto, o que difere destes padrões é, em certas ocasiões, posto à margem ou tratado como menor.

A identidade masculina define e justifica o papel social do homem na sociedade ocidental atual, assim sendo a família, a escola, a religião, a mídia e a sociedade em geral, ensinam e edificam de maneira velada ou explícita quais comportamentos são masculinos ou não. Esta classificação pode perpetuar e, por diversas vezes, favorecer as masculinidades.

Este trabalho tem como objetivo estudar a construção das masculinidades e suas configurações no âmbito escolar, especialmente, dentro das aulas de Educação Física. A escolha do tema se justifica na importância de se reconhecer a pluralidade e as práticas das masculinidades dentro das experiências escolares, reconhecendo as hierarquizações e, a partir de então, podendo-se dirimir preconceitos e violência.

A investigação deste estudo se deu em livros e artigos científicos autores para dar embasamento à pesquisa.

Construção de Masculinidade

De acordo com Beauvoir (1962) gênero é uma maneira do corpo existir e corpo é uma situação, um campo de possibilidades recebidas e reinterpretadas. Diante das possibilidades do corpo a vivência de gênero é uma prática social do corpo que se constitui historicamente e pode adotar determinadas configurações. Estas últimas incluem a possibilidade da existência de um sistema que corrobora o patriarcado e a masculinidade hegemônica, como tratado em Garcia (1998, p.46):

Configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição

¹ Segundo Connell (1995) tratar de uma prática é dar destaque aquilo que realmente se faz, não aquilo que se espera. "Significa enfatizar uma ação tem uma racionalidade e um significado histórico. Isso não significa que a prática é necessariamente racional." (CONNELL,1995, p.188)

dominante dos homens e a subordinação das mulheres. A hegemonia será estabelecida somente se existir correspondência entre o padrão cultural e o poder institucional, seja ele coletivo e/ou individual. Quando as condições para a defesa do patriarcado mudam, as bases para a dominação ou hegemonia de uma masculinidade particular são gradualmente destruídas. A hegemonia é vista como historicamente mutável.

Pensar em masculinidade envolve as relações de gênero, que incluem a ideia da hegemonia daquilo que é lido como masculino. O âmbito social, marcado por esta relação de poder, passa a ser caracterizado principalmente pelo distanciamento e desvalorização do feminino.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2002, p.20)

Segundo Connell (1995) gênero ultrapassa as estruturas dos papéis sociais ou da biologia reprodutiva, se trata de uma estrutura complexa que envolve estado, família e a sexualidade. As masculinidades fazem parte dessa complexidade. Antes de esclarecer como a construção das diferentes masculinidades afeta as crianças nas instituições escolares é preciso elucidar o que caracteriza cada uma delas.

Kimmel (1998) esclarece que as noções de masculinidade variam de cultura para outra e nos diferentes momentos históricos. Ou seja, não podemos abordar masculinidade como algo constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em perene mudança. Connell (1995, p.188) afirma que masculinidade, “é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”.

Enquanto isso, Silva trata de um âmbito mais específico, a masculinidade hegemônica.

O conceito de masculinidade hegemônica está calcado nos modelos tradicionais e dos predicativos da personalidade do homem, qual seja, machista, viril e heterossexual, do mesmo modo em que este deve apresentar distanciamento emocional, agressividade e comportamento de risco no seu dia a dia, ou seja, um homem bem mais próximo dos modelos do cavaleiro medieval, do guerreiro oitocentista e dos grandes soldados. (SILVA, 2006, p.2)

Durante o processo de socialização os garotos são sutilmente ensinados a seguir um padrão de masculinidade exercido pelo seu grupo social.

Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. (CONNELL, 1995, p.190)

De acordo com Paechter (2009) a composição das masculinidades é produzida e mantida por características locais, superpostas e sem demarcações rígidas nas comunidades de prática.

Porém a construção dessa masculinidade não é algo estruturado apenas sobre uma única referência, segundo Connell (1995) a masculinidade hegemônica é produzida e incorporada em relação com outras masculinidades. Ou seja, é necessário se estabelecer uma referência de “normalidade” para se marginalizar as diversas possibilidades. De acordo com o autor a masculinidade é construída em duas esferas, uma individual e outra coletiva.

Para Bourdieu (2002) a dominação masculina está enraizada na biologia entre os sexos, corpo masculino e feminino, mais precisamente na diferença anatômica entre os órgãos sexuais, a definição social estabelecida pelos órgãos sexuais é efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças ou do obscurecimento de determinadas semelhanças. Em síntese, para Bourdieu (2002), a dominação não é um efeito ideológico "e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos" (p. 53-54).

A força particular da sociodiceia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. (BOURDIEU, 2002, p.33)

A masculinidade é (re)produzida e (re)configurada, além de ser encenada entre todos os sujeitos envolvidos nas práticas sociais. Ou seja, configura “não apenas o que somos, mas o que fazemos, como nos apresentamos, como pensamos sobre nós próprios em tempos

diversos e lugares específicos.” (PAECHTER, 2009, p.22). Kimmel (1998) reforça esse pensamento no sentido de que a masculinidade exige constantes momentos de comprovação das atitudes dos sujeitos. Com isso, para permanecer dentro de um grupo de prática de masculinidades, as pessoas devem regular suas performances de modo a sintonizarem-se com os princípios daquele grupo.

A escola e reprodução de práticas de masculinidades.

A escola não está isenta da propagação dos valores reproduzidos pela sociedade, por fazer parte do contexto social. No âmbito educacional é preciso estar atento para a conscientização e transformação do sexismo e da dominação de gênero. É extremamente necessário que todo o corpo docente entenda a ordem de sexo e gênero e como foi historicamente naturalizada e essencializada e nela situe-se criticamente, identificando-se como produtor/a e reprodutor/a de preconceitos.

De acordo com Bento (2011) a instituição escolar faz parte de projeto de consolidação da heteronormatividade e a desumanização de sujeitos que fogem às normas de gênero, chegando ao limite onde as crianças evadem, pois não aguentam mais o ambiente hostil.

No entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala de escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo de eliminar e excluir aqueles que “contaminam” o espaço escolar. Há um processo de expulsão, e não de evasão. É importante diferenciar “evasão” de “expulsão”, pois, ao apontar com maior precisão as causas que levam crianças a não frequentarem o espaço escolar, se terá como enfrentar com eficácia os dilemas que constituem o cotidiano escolar, entre eles, a intolerância alimentada pela homofobia. (BENTO, 2011, p.555)

Porém os estudos de gênero não são discutidos de forma abrangente nas universidades e espaços de formação dos docentes. De acordo com Carvalho (2003) é importante entender as várias formas como se manifestam a desigualdade e exclusão social e educacional, com meninas e meninos e mesmo através de outras categorias como classe social, raça/etnia, deficiência/necessidade especial, orientação sexual ou identidade de gênero.

As aulas de Educação Física como espaço de reprodução de masculinidades hegemônicas.

As práticas esportivas foram construídas envolvendo a competição e na maioria Nas aulas de Educação Física, mais precisamente nas atividades esportivas, observa-se a tradição

dos valores e normas masculinas hegemônicas que reafirmam o mito do “sexo forte” e regulam a área feminina.

Muitas as vezes se revestem de características agressivas, consideradas melhores práticas de iniciação à virilidade. Badinter (1993) afirma que é nesse espaço que o sujeito mostra publicamente o seu estatuto de “macho”: despreza a dor, controla o seu corpo, mostra força e vontade de ganhar. Mostra, enfim, que não é uma criança, nem uma moça, nem um homossexual, mas um “homem de verdade”.

Essa virilidade de acordo com Bourdieu (2002) é uma concepção construída de forma relacional, diante de outros homens, para outros homens e em oposição ao feminino, por uma espécie de medo, engendrada primeiramente dentro de si.

encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de "quebrar a cara" diante dos "companheiros" e de se ver remetido à categoria, tipicamente feminina, dos "fracos", dos "delicados", dos "mulherzinhas", dos "veados". (BOURDIEU,2002, p.66)

Nas aulas de educação física é comum ter-se turmas divididas entre meninos e meninas, jogos de menina e jogos de meninos assim também com as brincadeiras. Aqueles garotos que não atendem às características ou práticas de masculinidades hegemônicas daquele grupo da escola são ostracizados e marginalizados. E estes, se sua sexualidade ou identidade de gênero fugir dos padrões da cisnormatividade, são chacotados ou até mesmo excluídos do grupo.

Os rapazes que escolhem participar em atividades associadas ao feminino (como a dança ou a aeróbica) serão, muitas das vezes, chamados de “meninas” ou “maricas”. É preciso ser-se um jovem rapaz de rara coragem e com uma grande confiança em si mesmo para conseguir superar as condenações de colegas ou mesmo de professores/as. (SILVA, BOTELHO-GOMES, GOELLNER, 2008, p. 224)

De acordo com Bourdieu (2002) estar ligado ao feminino pode ser considerado “a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher.” (2002, p.32).

A Educação Física escolar se desenvolve também por meio de práticas corporais, com

proeminência para o esporte, legitimado culturalmente como domínio masculino. Essas construções sobre as práticas de masculinidades hegemônicas devem ser discutidas e ressignificadas também nas aulas em questão. Este não pode ser um espaço de reprodução de padrões hegemônicos.

Conclusão.

De acordo com os autores estudados, há uma certa consonância no modelo de masculinidade hegemônica no qual os homens precisam alcançar, o homem ideal, branco, cis, heterossexual de classe dominante, forte e viril. Marcas construídas socialmente ao longo do tempo pelo machismo e patriarcado. E essa dominação se mantém e se regula mediante as violências, como citado por Connell (1995) violências simbólicas e concretas.

É preciso tomar consciência sobre a dominação de gênero no ambiente escolar. Principalmente quando esta dominação traz marginalização e exclusão da escola. Essa problemática tem que ser discutida no âmbito da formação docente inicial e continuada, para que se saiba trabalhar com a desconstrução e ressignificação das múltiplas formas, explícitas ou sutis, através das quais a ação docente pode contribuir para a reprodução da iniquidade de gênero na escola e na sociedade.

É necessário que os docentes, conheçam sobre masculinidades e feminilidades e entendam como a masculinidade não é uma essência constante e universal, e que se trata de um conjunto de práticas fluidas em contínua mudança. Devemos construir as aulas de educação física reconhecendo as diferentes masculinidades e reconhecendo os presentes no espaço social, pois só assim poderemos perceber de que forma a masculinidade hegemônica exerce poder sobre as outras masculinidades.

Por fim, é importante destacar que compreender a construção de masculinidades é um passo acerca da temática, ainda há muito para ser discutido. Isto poderá ser feito em estudos posteriores, objetivando um maior aprofundamento sobre o assunto.

Referências

BADINTER, E. **XY: Sobre a Identidade Masculina**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro 1993.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 1949.

BENTO, B. A. M. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Estudos Feministas. Florianópolis, 2011.

BORDO, S. R. **O corpo e a reprodução da feminilidade: Uma apropriação feminista de**

Foucault. In: JACAR, Alison e BORDO, Suzan, R. *Gênero, corpo e conhecimento*. Trad. Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997, pp. 19-41. (Coleção Gênero, v. 1)

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 2002.

CARVALHO, M. E. P. **O que essa história tem a ver com as relações de gênero? Problematizando o gênero no currículo e na formação docente**. In CARVALHO, Maria Eulina Pessoa & PEREIRA, Maria Zuleide da Costa, Organizadoras (2003): *Gênero e Educação: Múltiplas Faces*. João Pessoa: NIPAM/Editora Universitária/UFPB

CONNELL, R. W. **Políticas da Masculinidade**. Educação e Realidade. 1995.

KIMMEL, M. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

FOUCAULT, M. *A História da Sexualidade II –O Uso dos Prazeres*. Graal, Rio de Janeiro: 1986

GARCIA, S. M. *Conhecer os Homens a Partir do Gênero e para além do Gênero*. In Arilha, Margareth; Ridenti, Unbehaum, Sandra G., e Medrado, Benedito (orgs.). **Homens e Masculinidades: outras Palavras**. São Paulo: Ed. 34, 1998

LOURO, G. L. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero**. Teoria e Educação, no 6. Porto Alegre, 1992, pp. 53-67

PAECHTER, C. **Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades**. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

Silva, S. G. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista**. Psicologia. Ciência. v.26 n.1. Brasília, 2006

SILVA, P.; BOTELHO-GOMES, P. & GOELLNER, S.V. **Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica**. Revista Brasileira Educação Física. São Paulo, v.22, n.3. 2008